

CORRIDA ELEITORAL

A estratégia da “mulher de bem” para 2026

De olho no voto feminino, partido de Bolsonaro não descarta lançar sua esposa, Michelle, candidata à Presidência, caso o ex-presidente permaneça inelegível

» DANANDRA ROCHA

Mesmo inelegível até 2030, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) voltou a afirmar publicamente, ontem, em coletiva, que será o principal nome da direita nas eleições presidenciais de 2026. No entanto, dentro do próprio Partido Liberal crescem articulações em torno do nome da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro como possível substituta, caso Bolsonaro permaneça fora da disputa.

O protagonismo de Michelle, porém, divide opiniões no partido e entre especialistas. Por estar bem posicionada nas pesquisas eleitorais e por atrair o voto feminino, há lideranças, dentro do partido, que testam o seu potencial. Por outro lado, seu nome ainda enfrenta resistência por outras alas do PL, tanto por razões políticas quanto pessoais.

Na pesquisa Genial/Quaest divulgada recentemente, Michelle aparece com 39% das intenções de voto em um cenário contra Lula (43%) e Jair Bolsonaro (41%), dentro da margem de erro.

Procurados pelo **Correio**, interlocutores do PL evitam falar abertamente sobre sua possível candidatura. Nos bastidores, porém, a avaliação é de que a presença de figuras, como Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo, e Romeu Zema, governador de Minas Gerais, cria um cenário competitivo e pulverizado dentro da direita.

Questionado sobre uma possível candidatura de Michelle, Bolsonaro foi direto: “Pergunta para a Michelle. Ela é a primeira que vai falar, a primeira a falar vai ser ela”, disse na coletiva de ontem, após sair do hospital DF Star, em Brasília.

Apesar de Michelle ganhar cada vez mais projeção como figura política no campo conservador, aliados ainda demonstram um certo pudor de falar sobre sua eventual candidatura por causa das resistências internas na própria família Bolsonaro. A relação com os filhos do ex-presidente tem sido marcada por disputas veladas de protagonismo.

Recentemente, Michelle compartilhou nas redes sociais uma matéria que especulava sobre a candidatura de Eduardo Bolsonaro à Presidência, caso fosse uma ‘missão designada pelo pai’, e comentou: “E terá todo apoio da minha família”. A

Reprodução



Em seus discursos, Michelle costuma dar ênfase às suas principais marcas: a fé e a feminilidade

declaração, interpretada por aliados como um gesto de diplomacia, contrasta com rumores dos bastidores de que Bolsonaro não se sente à vontade com a possibilidade de sua esposa ocupar um cargo político superior ao seu, evidenciando uma tensão familiar que pode influenciar os rumos do bolsonarismo em 2026.

Poder em família

Para analistas políticos ouvidos pelo **Correio**, a movimentação da ex-primeira-dama é estratégica. “A atuação de Michelle Bolsonaro hoje representa uma movimentação estratégica do campo bolsonarista. Ela mantém o poder dentro do núcleo do bolsonarismo e usa a estratégia de ‘mulher de bem’ para se tornar uma liderança política própria”, avalia Felipe Rodrigues, mestre em ciência política pelo Cefor/ Câmara dos Deputados.

Segundo ele, Michelle é vista como um elo capaz de unificar o voto evangélico e feminino em torno da direita, podendo ocupar diferentes posições na corrida presidencial: “Ela pode ser candidata ao Senado, compor uma chapa

presidencial ou ser a cabeça de chapa, a depender do que Bolsonaro e seu partido vão costurar.”

Já Leonardo Paes Neves, cientista político da Fundação Getúlio Vargas (FGV), é mais cético: “Eu ainda tenho dificuldade de achar que isso vai acontecer, que as outras concorrentes vão, de fato, abrir espaço para ela. A própria capacidade de o presidente Bolsonaro aceitar a ideia de que a mulher dele vai sucedê-lo quando ele mesmo está trabalhando fortemente ou finje acreditar que vai ser candidato”.

Cortina de fumaça

Para Paes Neves, Michelle cumpre, neste momento, a função de ofuscar o verdadeiro nome que disputa pelo campo conservador. “Ela serve como uma figura para tirar um pouco o foco de quem realmente vai ser o candidato. Ela acaba nublando o horizonte político e impede que um possível nome sofra ataques antecipados.”

A ex-primeira-dama também é vista como figura polarizadora, especialmente entre a bancada

feminina do Congresso. Marcelo Senise, marqueteiro político com mais de 36 anos de atuação em campanhas eleitorais no Brasil, destaca essa ambiguidade: “Para uma parcela significativa, especialmente as parlamentares evangélicas e conservadoras, o protagonismo de Michelle é celebrado. No entanto, para outras parlamentares, o protagonismo de Michelle pode, paradoxalmente, reforçar estereótipos limitadores.”

Senise aponta que Michelle ainda não demonstrou autonomia política: “Ela por enquanto é só uma promessa, ela ainda não ocupou de fato nenhuma posição política concreta, não teve independência de fato de se organizar, botar suas ideias para frente.”

Apesar da resistência dentro do PL e da ausência de experiência política direta, a imagem de Michelle continua sendo trabalhada. “Ela representa a defesa da família tradicional, dos princípios religiosos e de uma moralidade que se vê ameaçada por agendas progressistas. Contudo, o potencial de Michelle possui limites inerentes à sua própria simbologia”, analisa Senise.

Bolsonaro está com pneumonia viral

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) esteve no hospital DF Star, em Brasília, na manhã de ontem, após passar por uma bateria de exames motivada por um mal-estar sentido durante compromisso na última sexta-feira, em Goiânia. A avaliação médica confirmou um quadro de pneumonia viral, mas Bolsonaro afirmou que se sente bem e pretende manter a agenda nos próximos dias.

Bolsonaro estava na capital goiana para participar da Feira de Agronegócios (Agrovem), quando

começou a apresentar sintomas, como calafrios, náuseas e tosse. De volta à capital federal, foi atendido pelo cirurgião Cláudio Birolini, responsável por sua última operação, em abril deste ano.

“Ele relatava calafrios, náuseas e tosse na semana passada, o que pode ser explicado pelo quadro de pneumonia viral”, detalhou Birolini. Segundo o médico, foram realizados exames de sangue, urina e uma tomografia de tórax e abdômen. O especialista tranquilizou quanto ao

estado geral do paciente: “A tomografia foi feita com contraste e mostra que ele progride bem até o intestino grosso, sem obstruções. A parede abdominal também está bem”.

A cirurgia mencionada pelo médico foi realizada em abril e durou cerca de 12 horas. O procedimento visava corrigir problemas intestinais e na parede abdominal, sequelas das múltiplas intervenções sofridas por Bolsonaro desde o atentado a sua vida durante a campanha presidencial de 2018. Na ocasião, o

ex-presidente aproveitou uma coletiva para exibir parte da cicatriz da operação, em mais uma referência ao atentado: “Os episódios de soluço e vômito surgiram em função da facada. Não há dúvidas que são consequência dela. Meu sentimento ao paciente é de que a última cirurgia foi muito bem-executada, e acredito que não seja mais preciso (fazer outra cirurgia)”.

Ainda durante discurso na Câmara Municipal de Aparecida de Goiânia, na noite de quinta-feira, Bolsonaro foi interrompido por um forte soluço. Ele chegou a dizer que estava “vomitando 10 vezes por dia”. Segundo Birolini, o quadro tem relação com os reflexos do soluço persistente que acompanha o ex-presidente desde a última cirurgia: “Estamos tentando controlar esses episódios de soluço, mas, em alguns momentos, eles são fortes e acabam incomodando”.

O médico também recomendou mudanças no ritmo do dia a dia e no comportamento alimentar de Bolsonaro. “O problema não é o que ele come, mas a forma que come. Ele tem o costume de comer muito rápido e conversar durante a refeição, isso acaba atrapalhando”.

Apesar das recomendações e do diagnóstico de pneumonia viral, Bolsonaro disse estar disposto a seguir com sua agenda política visando à presidência em 2026. Ele planeja compromissos em São Paulo e Belo Horizonte, sempre com o acompanhamento médico. **(DR)**

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Lula não tem alternativa a não ser a opção preferencial pelos pobres

Ninguém morre antes de morrer. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva resolveu enfrentar o Centrão em relação à política tributária porque se sentiu muito acuado e já se deu conta de que os “companheiros de viagem” desembarcam de seu projeto de reeleição. Desde quando seus principais líderes declinaram de participar do governo. Foram os casos, por exemplo, dos ex-presidentes do Senado Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e da Câmara, Arthur Lira (Progressistas-AL), que mantêm distância regulamentar do governo.

Havia uma possibilidade de ampliação da coalizão de governo, com a incorporação de lideranças que fossem maiores do que os ministérios que deveriam ocupar, mas os resultados eleitorais de 2024 consolidaram a fragilidade dos partidos de esquerda e fortaleceram os partidos do Centrão. Especialmente o PSD, de Gilberto Kassab, o visionário da grande reestruturação do sistema partidário em curso, cuja tática de manter um pé em cada canoa e disputar os grandes quadros políticos naufragos desse realinhamento vem dando excelentes resultados em diversos estados.

Lembro-me de um antigo político de Macaé (RJ), o deputado estadual Cláudio Moacir, que foi líder do MDB na Constituinte de fusão dos antigos estados da Guanabara e Rio de Janeiro. O interventor federal, almirante Floriano Peixoto Faria Lima, designado governador do novo estado pelo presidente Ernesto Geisel, não tinha maioria parlamentar. Por essa razão, entregou a relatoria da Constituição fluminense a um deputado ligado ao ex-governador Chagas Freitas (MDB).

Líder do governo, Sandra Cavalcanti (Arena) não aceitou a mudança e renunciou ao cargo. Indagado se assumiria o cargo, Claudio Moacir foi enigmático: “De jeito nenhum, vou ficar como bigode”. Como assim? “Na boca, porém, do lado de fora”. Essa é a posição dos caciques do Centrão em relação ao governo Lula, entre os quais Gilberto Kassab, secretário da Casa Civil daquele que pode ser o principal adversário de Lula nas eleições, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos).

Nas últimas semanas, Lula sofreu um cerco no Congresso, que somente não é de aniquilamento porque outras variáveis influenciam o comportamento coletivo e individual dos líderes do Centrão. A maioria quer ver o ex-presidente Jair Bolsonaro inelegível e enfraquecido eleitoralmente. Embora tenha participado da base de apoio de Bolsonaro, não aderiu à tentativa de golpe de 8 de Janeiro.

Os políticos são gatos escaldados: os militares defenestraram os principais líderes civis do golpe de 1964, que destituiu o presidente João Goulart (PTB), entre os quais Carlos Lacerda (UDN) e Juscelino Kubitschek (PSD). Ambos pretendiam disputar as eleições presidenciais de 1965, que foram suspensas e só ocorreram em 1989.

Xadrez estadual

Do ponto de vista individual, as circunstâncias nos estados também contam muito. O ex-presidente da Câmara Arthur Lira (PP-AL), que tem pretensões ao Senado, está na planície da Câmara, uma espécie de efeito Orloff do que acontece com os deputados Aécio Neves (PSDB-MG) e Arlindo Chinaglia (PT-SP). Nem vamos falar de outros antecessores, que comemoram o pão que o diabo amassou. Enfrenta aliados poderosos de Lula em Alagoas, o senador Renan Calheiros (MDB), e o ministro dos Transportes, o ex-governador Renan Filho (MDB).

Pacheco tem pretensões eleitorais em Minas Gerais, onde almeja suceder o governador Romeu Zema (Novo). Para isso, precisa manter no cargo o atual ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira. Em Minas Gerais, o PT está muito enfraquecido, mas Lula ainda tem a força do lulismo e a caneta cheia de tinta, num estado que depende muito do governo federal.

A propósito, o atual presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União) precisa do apoio de Lula no Amapá, onde seu principal adversário, o prefeito de Macapá, Dr. Furlan (MDB), é pulo de 10 para o governo estadual. O presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), que parece ter se reposicionado em relação a Lula, que apoiou sua eleição, tem que levar em conta que o governador da Paraíba, João Azevedo (PSB), é aliado de primeira hora de Lula.

Onde está o grande problema de Lula com os políticos do Centrão? Nos lobbies poderosos do agronegócio, do mercado financeiro, do mercado de imobiliário e das bets, da indústria de armas e segurança, inclusive israelenses, e dos evangélicos. Olhando as pesquisas, o cenário é mesmo de grande risco eleitoral. O Norte e o Nordeste ainda estão com Lula, o Sul e o Centro-Oeste já estavam na oposição. Entretanto, é no Sudeste onde a desaprovação ao governo agora é mais alta.

Entre os dias 29 de maio e 1º de junho, a pesquisa Genial/Quaest constatou que 64% dos habitantes da Região Sudeste desaprovam o governo Lula. A região é chamada de Triângulo das Bermudas por causa do risco de naufrágio eleitoral. No país, a desaprovação da gestão Lula atingiu 57%, mantendo a tendência de alta das pesquisas anteriores. Diante desse cenário, Lula pode contar com o Congresso.

Sua única alternativa é apostar na empatia com os mais pobres, que sempre foi o seu grande ativo eleitoral. Para isso, turbinou os programas de transferência de renda, entre os quais, o Bolsa Família, R\$ 158,6 bilhões, cerca de 7,4% das despesas primárias; e Benefício de Prestação Continuada (BPC) + Renda Mensal Vitalícia (RMV), R\$ 113,6 bilhões, equivalentes a 5,3%. A opção preferencial pelos mais pobres, que já deu cinco eleições presidenciais ao PT, é o que lhe restou. Será que vai dar certo?



PARTIDO RENOVADOR TRABALHISTA BRASILEIRO ERRATA DE EDITAL

Os Convencionais do **PARTIDO RENOVADOR TRABALHISTA BRASILEIRO (PRTB)**, que convocaram a Convenção Nacional Extraordinária, nos termos do Estatuto Partidário e do art. 60, do Código Civil, a ser realizada no dia 28/06/2025 (sábado), com início às 11h (onze horas) e encerramento às 15h (quinze horas), no SHS – Quadra 05, Bloco C, San Marco Hotel, Asa Sul, Brasília/DF, cujo edital foi publicado no dia 21/06/2025, no Jornal CORREIO BRAZILIENSE, Caderno de Política, página 4, em cumprimento ao disposto no art. 22, inciso I, do Estatuto Partidário, vem retificar o e-mail para inscrição de chapa, sendo o e-mail correto: **convencao.inscricaodechapa@gmail.com**.

Brasília/DF, 21 de junho de 2025

Adriana Fernandes Ferrugem de Oliveira
Anthony Leonardo Moreira Grillo
Chanter Lane Pereira de Almeida
Claudiovinho José Vieira
Giulia Rodrigues de Pinho
João Guimarães Aguiar
João Pedro Rodrigues dos Santos

Josué Vaz da Costa
Magno Marciel Ramos Barbosa
Mauro Marcelo Quintão
Nataly Vieira de Pinho
Renan Pinho Bonfim
Vanessa Barros Machado
Vinicius Barros Rocha Machado